

Sínodo Arquidiocesano de Olinda e Recife

1º Encontro de Formação

- Memória do Encontro do dia 26 de outubro de 2024 -

Introdução

A conversação espiritual, que é o método que o papa Francisco tem sugerido à Igreja como modo de realizar nossas reuniões e sínodos, tem uma série de premissas. Uma delas é fazer memória. Para nós, fazer memória não é simplesmente recordar algo que aconteceu, que está passado. Na verdade, fazer memória significa tornar presente, presentificar, a fim de ruminar e experimentar os efeitos daquilo que recordamos para percebermos o caminho que Deus está fazendo conosco.

Recordemos: sínodo significa caminhar juntos. Não é possível fazer um caminho sem se dar conta, justamente, do caminho que está sendo feito. Se não formos observando o percurso que estamos fazendo, não poderemos compreender para onde o Espírito está nos levando. Por isso, agora, em breves pontos, vou procurar fazer memória com vocês da nossa primeira reunião, a fim de iluminar os nossos discernimentos.

Contribuições do padre Francisco Aquino

1. A sinodalidade é o modo mesmo de ser da Igreja. Nesse sentido, é preciso tomarmos cada vez mais consciência de que aquilo que estamos fazendo não é simplesmente uma série de reuniões com metodologias, prazos e objetivos. O que nós estamos experimentando é o modo próprio de ser Igreja, que é comunhão, tendo a Trindade como sinal e modelo.
2. É preciso fomentar entre nós, na Igreja e no próprio processo sinodal, a consciência de que nós todos somos igualmente responsáveis pelo caminho que estamos fazendo: desde Dom Paulo até os delegados de cada paróquia. Gerar processos de corresponsabilidade. É fundamental que nós façamos crescer o protagonismo pessoal e coletivo, para que as contribuições reflitam realmente a totalidade do povo de Deus.
3. Desencadear processos é fundamental no processo sinodal, recordando a premissa que o papa Francisco tanto apresenta: o tempo é superior ao espaço. Ou seja, não ter medo de ousar e inovar, ao mesmo tempo em que se tem paciência para os processos de amadurecimento, necessários quando fazemos um caminho com tantas e distintas realidades. Assim, é preciso deixar de lado uma lógica em que se procura defender uma ideia e vencer para procurar aquilo que é mais coerente com o Evangelho.
4. É preciso gerar processos para criar uma Igreja de comunidades, de pessoas que vivem a fé numa comunidade específica, que tece relações e vínculos, de gente que se conhece e divide a vida. A missão da Igreja não é arrebanhar pessoas a todo custo, não é disputar com outras denominações religiosas, mas aprofundar a intimidade com Deus, a vivência do Evangelho, a atuação no mundo, procurando sobretudo as periferias geográficas e existenciais.

Contribuições de Dom Paulo Jackson

1. Dom Paulo nos apresentou 4 ícones da sinodalidade, para nos motivar a ter sempre presente aquilo que é um sínodo: primazia da escuta da voz de Deus, comunhão e corresponsabilidade entre todos nós, debruçar-se sobre os sinais dos tempos e os desafios que estão diante de nós. Nesse sentido, ele nos sugeriu alguns pontos importantes para darmos início às nossas percepções e reflexões. Um ponto importante, na minha opinião, é aquilo que Dom Paulo recupera a partir da carta de São Paulo aos coríntios. Numa sociedade com tantas divisões e partidarismos, olhar para Cristo, e Cristo crucificado.
2. Viver a sinodalidade significa que a Igreja deve assumir a História, assumir a cultura, para salvá-la, como dizia Santo Atanásio. Recordar que a encarnação é vertical, mas também horizontal; evitar, portanto, elementos apenas sacralizados, mas saber dialogar e compreender as distintas realidades do mundo de hoje. Não ter medo de debruçar-se sobre a realidade.
3. Recuperar sempre a missão querigmática da Igreja. Não se trata de procurar números, e, por isso, anunciar; trata-se de fazer a experiência de que encontrar Jesus Cristo é fundamental e maravilhoso na vida de uma pessoa e, por isso, não medir esforços para anuncia-Lo. Impulsionar, portanto, uma experiência com Cristo que revigore a força da missão na Igreja.

Elementos para a nossa reflexão:

1. A situação de desigualdade social presente em nossa arquidiocese. O que temos a dizer e como devemos nos comportar diante do sofrimento de tantas pessoas?
2. Senso de pertencimento dos fiéis. Que senso temos de pertença? Os fiéis se sentem realmente parte da Igreja, da vida da Igreja?
3. A importância dos sujeitos eclesiais e suas relações internas. Como bispos, presbíteros, religiosos e religiosas, novas comunidades, enfim, como todos esses sujeitos podem colaborar com a missão comum?
4. A sustentabilidade da arquidiocese, em seus diversos modos. Como articular as dimensões do dízimo, da transparência, dos conselhos econômicos e de outros instrumentos que façam ser autossustentáveis?
5. A relação e a unidade com o Santo Padre, como fortalecê-la, e como fazer com que esse senso cresça em nossas comunidades no cotidiano da fé.
6. As juventudes e suas distintas expressões presentes na arquidiocese. Como podemos nos debruçar sobre elas para lhes escutar realmente e sermos capazes de oferecer a fé como um caminho que lhes seja crível?
7. Tendo esses pontos presentes, como podemos refletir e responder a esses desafios?

Contribuições do povo de Deus

1. Atenção ao tema dos católicos em segunda união e aos homoafetivos. Como podemos fazer com que se sintam acolhidos e integrados em nossas comunidades?
2. Observar o modo como se gere os recursos financeiros de cada paróquia, comunidade, e da própria arquidiocese.
3. O crescimento do adoecimento mental em muitas pessoas de nossas comunidades, especialmente os jovens.

4. A necessidade de um cuidado com as pessoas autistas em nossas comunidades.
5. A importância dos sacerdotes na mobilização dos processos sinodais e, ao mesmo tempo, a necessidade de criar protagonismo dos leigos, para que não esperem tudo dos padres.